

FILMES REVELAM A ÉTICA E ESTÉTICA BRASILIENSE

Jason Tércio

Especial para o Correio

Rio de Janeiro — O cinema brasileiro descobriu Brasília, não apenas como cenário. Dois filmes novos, bem diferentes entre si, estão revelando a alma da cidade e seus personagens: *O Cego Que Gritava Luz*, de João Batista de Andrade, veterano cineasta radicado em São Paulo, e *Doces Poderes*, da ex-jornalista Lucia Murat.

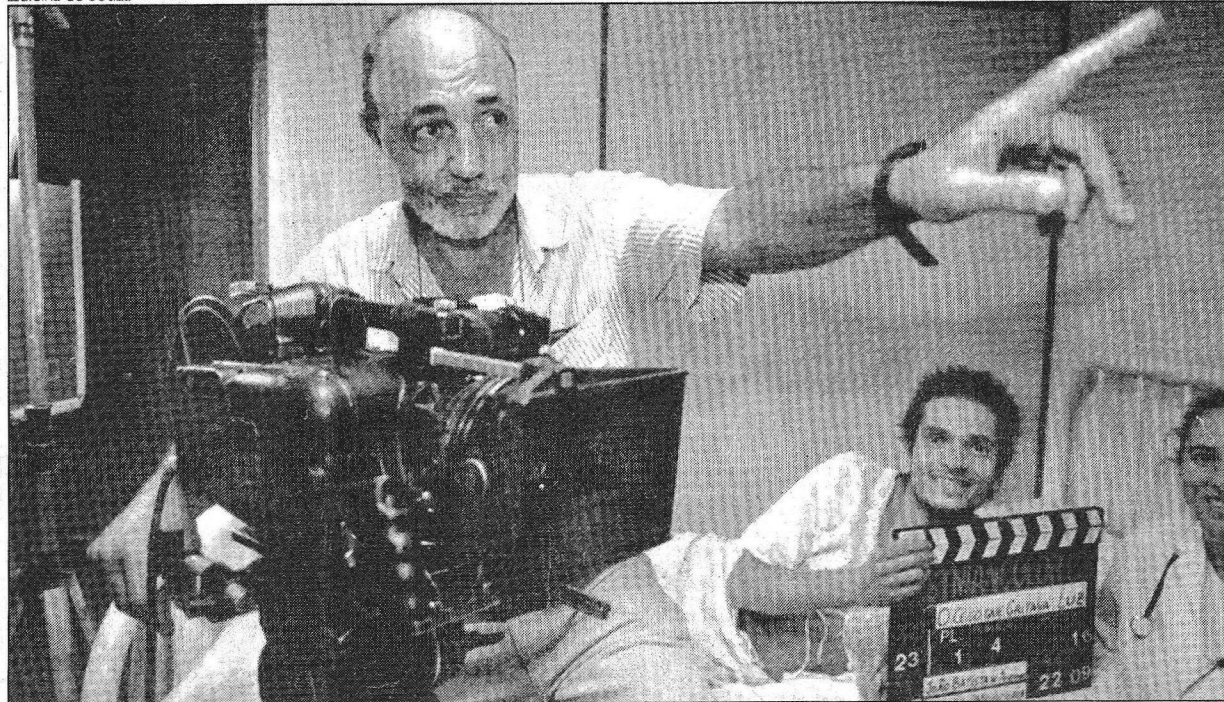
Ambas as produções são fortes candidatas a participar da mostra competitiva do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. O segundo estreou semana passada no Rio, merecendo aplausos ao final da sessão. Aborda um tema bem atual, a ética, mas numa linguagem poética. Nas primeiras cenas a câmera passeia lentamente pelas pistas molhadas da noite brasiliense — Eixão, Esplanada dos Ministérios, Palácio do Planalto, Congresso — ao som da voz suave de Adriana Calcanhotto. Nunca o cinema brasileiro mostrou com tanta sensibilidade a essência plástica do Plano Piloto, com suas formas geométricas flutuando iluminadas no silencioso espaço vazio. O efeito é fascinante, sobretudo para um brasiliense, como eu, exilado temporariamente na ex-Cidade Maravilhosa.

Doces Poderes examina a ética política e jornalística. Uma jornalista (Marisa Orth) chefia a sucursal da TNA, “Maior emissora da TV do país”, durante campanha eleitoral para governador. O conflito surge quando ela tenta ser imparcial na cobertura dos dois candidatos principais do Distrito Federal, um demagogo de direita (José de Abreu) e outro de origem pobre, negro (Luiz Antonio Pillar), com laivos de esquerda. A emissora interfere na edição de um debate para favorecer o primeiro. Qualquer semelhança com a campanha presidencial de 1989 não é mera coincidência.

Num ritmo ágil, o filme procura reproduzir o clima de pressões e chantagens típico da política eleitoral brasileira, mostrando ainda, pela primeira vez no cinema, o cotidiano da Câmara dos Deputados, as audiências nas salas de comissões, discursos no plenário, a excessiva intimidade de jornalistas com suas fontes, a parcialidade da mídia, o cinismo dos coordenadores de campanha. Tudo muito bem pesquisado.

No elenco global, que inclui Antonio Fagundes nos papéis principais, nenhum ator brasiliense em destaque, exceto Carmen Moretzsohn em rápida aparição no papel de repórter,

Zuleika de Souza



O diretor João Batista de Andrade optou pela mistura de realidade e fantasia em seu novo filme, *O Cego Que Gritava Luz*

e figurantes, como o poeta e radialista Cristiano Menezes, os deputados Agnelo Querosz e Luis Mainardi.

Em compensação, *O Cego Que Gritava Luz*, pode ser considerado o mais brasiliense dos filmes de ficção. Além de ter sido inteiramente rodado em Brasília (não é o caso de *Doces Po-*

deres) utilizou técnicos e vários atores da cidade em papéis importantes e com boas interpretações.

Entre eles, Alexandre Ribondi, como um opulento empresário de sórdido sorriso. Clarice Cardell, a garota ingênua que morre assassinada, episódio central da trama. Carmen Mo-

retzsohn, prostituta bem perua e de olhar selvagem. O músico Renato Matos, pitoresco engraxate que faz percussão na sua caixa de trabalho.

Exibido durante a recente MostraRio de Cinema, é um dos melhores filmes brasileiros da atual safra. João Batista de Andrade, diretor de

O Homem Que Virou Suco, A Próxima Vítima, O País dos Tenentes, nos traz agora um filme antinaturalista, que se equilibra, como faz o cego delirante caminhando sobre o viaduto da Rodoviária, entre a realidade e a fantasia.

O Cego... discute a injustiça e o poder econômico, mas de forma um tanto alegórica. Um velho (Tonico Pereira) conta num bar à beira do lago uma interminável história do assassinato de duas garotas. Como pano de fundo, a disputa entre dois empresários por um grande empreendimento imobiliário, incluindo invasão de lotes. O filme é todo narrado em flashbacks, um vai-e-vem no tempo e no espaço. Nenhuma arquitetura modernista no cenário. O diretor preferiu destacar o céu, em seus variados momentos — azul, crepuscular, noturno estrelado. “Céu misterioso, infinito, belo”, como diz o velho contador da história.

Considerações estéticas à parte, *Doces Poderes* e *O Cego...* demonstram o formidável (e ainda inaproveitado) potencial cinematográfico de Brasília. Será que a atual ressurreição do cinema brasileiro fará deslançar também a produção candanga?

■ Jason Tércio é jornalista e escritor